

Reseña realizada por Lênia Márcia de Medeiros Mongelli.

Libro: Imagens Cristãs. História, Arte e Práticas Religiosas.

Autor: Tamara Quírico, Aldilene César Diniz, Maria Izabel de Souza (org.).

Editorial: Appris, 2023, Curitiba, Brasil.

Caso o leitor se interesse pelo instigante assunto do livro em questão, já irá beneficiar-se logo de saída: assina o conciso (e preciso) Prefácio a ele a Professora Maria Cristina C. L. Pereira, uma das Coordenadoras do sempre ativo LATHIMM – Laboratório de Teoria e História da Imagem e da Música Medievais, fundado em 2010 e com duas sedes, uma no Departamento de História da USP e outra no Instituto de História da UFRJ. Nesta abertura, a Professora apresenta as três Organizadoras – especialistas doutoradas em “imagens medievais” – e, ainda, ressalta a fundamental questão teórica e metodológica que se depreende do conjunto de textos, bastante diversificada em decorrência da variedade temática que coloca ao alcance de todos rica Bibliografia, impressa e digital. A leitura dessas páginas, portanto, além de prazerosa, é útil, como costuma acontecer com os bons livros.

Mas, nem eles, os bons livros, deixam de ressentir-se de alguns pequenos deslizos, quando se trata de trabalho coletivo... Via de regra isso se deve a dois aspectos: o perfil dos articulistas, cuja erudição não ocupa entre si o mesmo patamar, e a revisão dos originais, feita com mais ou menos esmero pelos autores. Percebe-se, aqui, que a primeira dessas observações não procede: é evidente o cuidado em trabalhar com estudiosos da matéria, todos experientes na Academia ou recém-saídos dela; as linguagens de cada um, salvo uma ou outra exceção, são de certa forma equiparáveis. O mesmo não se pode dizer do segundo aspecto: embora haja pouquíssimas falhas gráficas ou gramaticais (o que é ótimo!), é comum encontrar incômodas referências do tipo “conforme vimos no capítulo anterior” ou “informaremos a seguir”, denunciando que se está a publicar algum capítulo de Tese ou parte de livro de autoria própria, prejudicando a leitura de quem não se situa relativamente a essas fontes. É coisa facilíma de corrigir em uma próxima edição, ainda mais porque é legítimo e bem-vindo o desejo de dar a conhecer uma pesquisa que com

certeza consumiu anos de labor: basta tirar dela a aparência de “Tese universitária” e dar-lhe o formato de “artigo” – o que exige, evidentemente, algumas adaptações e/ou atualizações.

À parte os reparos, só merece aplausos uma obra brasileira voltada para o exame das “imagens cristãs” em períodos preferencialmente anteriores aos séculos mais recentes, XIX, XX, XXI – Modernidade esta que conta com os holofotes de todas as tecnologias e de todas as mídias, nem sempre considerando as decisivas contribuições do passado. Por isso trabalhos importantes, que levam em conta a cronologia histórica, como o do argentino Alberto Manguel (*Lendo imagens: uma história de amor e ódio*) ou o do italiano Umberto Eco (*História da Beleza, História da Feiúra*) demonstram que lições preciosas como as da historiografia francesa – falem por tantos os estudos de Jérôme Baschet e de Jean-Claude Schmitt – têm vindo de encontro aos interesses de especialistas nacionais, atentos ao cruzamento da História da Arte em geral e a História da Igreja no Ocidente, principalmente dos séculos que antecedem a Idade Média ao período Barroco, entrando pelo século XVIII adentro. E se o âmbito, nesse quesito, é o do “entrecruzamento” de esferas culturais, artísticas e sociais, como não citar, por exemplo, Jean Delumeau ou Hilário Franco Júnior?

Essa é a linha de *Imagens cristãs. História, Arte e Práticas Religiosas*. São treze ensaios, dois de autores italianos e os demais, de brasileiros: “Visões mediadas: funções das imagens e das figuras da oração na arte cristã entre a Idade Média e o Renascimento” (Gerardo de Simone); “Considerações sobre imagens cristãs no mundo medieval: as representações do Juízo Final” (Tamara Quírico); “Os Livros de Horas, seus usos e funções” (Maria Izabel de Souza); “Da *convenevolezza* à moral: a doutrina do *decoro* na teoria da pintura” (Clara Habib de Salles Abreu); “A representação do martírio e da dor após o Concílio de Trento: Laocoonte como paradigma ético e estético” (Maria Berbara); “Santo e sagrado holocausto: as funções do incêndio de uma escultura em 1638” (Maria Beatriz de Mello e Souza); “Arte e fé no efêmero barroco: a importância e o papel da luz” (Elena Castelli de Angelis); “A divulgação da devoção à paixão de Cristo entre os leigos em Portugal e no Brasil-Colônia” (Célia Maria Borges); “Imagem e presença: a consagração de Santo Antônio como herói militar no Rio de Janeiro colonial” (Cesar Augusto Tovar Silva); “Quando as imagens propõem práticas: azulejos da vida de São

Francisco na América portuguesa setecentista” (Aldilene César Diniz); “O culto a São Tomé na Índia: antigas tradições e modernos significados na era dos descobrimentos portugueses (séculos XVI e XVII)” (Patrícia Souza de Faria); “Drama: cenas bíblicas nas necrópoles brasileiras” (Henrique Sérgio de Araújo Batista); “Novos tempos, novas imagens: Cláudio Pastro e a Basílica Nacional de Aparecida” (Richard Gomes da Silva). Quase a cada página desses artigos e por diferentes atalhos, enfatiza-se o que é um dos eixos fundamentais do estudo de imagens, principalmente em séculos mais recuados como a Idade Média: “A interpretação das imagens depende não só do contexto histórico do qual faz parte, mas também da capacidade cognitiva individual, da diversidade da habilidade de olhar, que não é igual para todos. Embora o domínio dos códigos seja compartilhado, não é sempre igual, pois os sujeitos sociais são informados de modos diferentes” (Henrique Sérgio de Araújo Batista, p. 255). O raciocínio vale para o texto literário, a pintura, a iluminura, a escultura, o grafite, a música etc., retomando o complexo tripé que, desde a Retórica antiga, orienta as relações subjacentes a qualquer ato de comunicação: o emissor, o objeto e o destinatário – cada um valendo por si e pelo conjunto. Por isso diz ainda, com razão, W. J. T Mitchell, citado (na sequência) por Henrique Sérgio: “... a intertextualidade, o diálogo entre representações verbais e pictóricas” é um fato, pois, ao contrário do que muitas vezes se pensa, uma “imagem” não apenas “ilustra” o texto em que se insere, mas a ele se “acrescenta” e dele se “beneficia”, uma vez que uma e outro dispõem de recursos de linguagem próprios. Em outras palavras, é o mesmo que afirma Tamara Quírico, de olhos postos no inolvidável Juízo Final da Capela Sistina em Roma, citando Jérôme Baschet a propósito de suas conhecidas teorias sobre a “constelação de imagens” que, via de regra, compõem um verdadeiro programa iconográfico no interior das Igrejas, para o qual é preciso orientar os fiéis (p. 41).¹

Como os artigos desse *Imagens cristãs* estão muito bem “amarrados” àquela convicção teórica, ela é palpável em alguns deles, de leitura aliciante: o trabalho feito por Cláudio

¹ Não se perca a ocasião de pontuar o quanto é significativo o “olhar” e o “critério avaliativo” de cada um em diferentes momentos: citado por Maria Berbara, um dos pontos centrais do discurso de Giovanni Andrea Gilio, autor de *Due Dialogi* (1564) e um dos ideólogos da Contrarreforma, é a condenação das imagens do Juízo Final, “no qual os santos mártires são representados sem feridas”. [...] Com isto, desvia-se “a atenção do observador para a beleza dos seus corpos, em vez de sua beatitude e de seu sacrifício” (p. 92).

Pastro (1948-2016) na remodelação interna de nossa Basílica Nacional de Aparecida (2000-2017) está analisado com inesperadas minúcias por Richard Gomes da Silva, ensinando-nos a “ver” e a “interpretar” os intuitos do artista, que visava a “promover uma mistagogia”, buscando o invisível no visível, fundindo, portanto, o que de início seria separado - a arte sacra (= de culto, litúrgica) e a arte religiosa (de devoção, subjetiva). É assim que o articulista examina os 34 painéis distribuídos pelas quatro naves do templo de planta cruciforme, representando passagens neotestamentárias do nascimento, vida, morte e ressurreição de Cristo (p. 267 e ss.). Igualmente interessante é o estudo das cenas imagéticas das necrópoles brasileiras, que o citado Henrique Sérgio de Araújo Batista concentra em torno de três cemitérios, além de outros: o de São José, em Teresina (PI); o de São João Batista, em Fortaleza (CE) e o de Catumbi, no Rio de Janeiro (RJ). Os belos jazigos, muitos deles importados das oficinas de cantaria portuguesas, são um poderoso testemunho não só de devoção familiar, ao retratar cenas da paixão e morte de Cristo, como também do poderio econômico das elites brasileiras no século XIX e início do XX: entre o sagrado e o profano, não mediam esforços inclusive para garantir a visibilidade de seu túmulo no corredor central do campo-santo, entre o pórtico de entrada e a capela onde se oficiavam as missas pelos defuntos². Para citar mais um exemplo, as “imagens narrativas” apreciadas nos ciclos azulejares da vida de São Francisco de Assis no convento franciscano da cidade de Sirinhaém (PE), no Convento de Nossa Senhora das Neves de Olinda (PE) e na Casa de Oração da Ordem Terceira de São Francisco de Salvador (BA) conduzem-nos em deliciosa viagem não só pela herança portuguesa da tradicional arte da pintura em azulejos, como ainda pela extraordinária biografia do Santo ali retratado. E visto nos pormenores de sua existência acidentada, desde o rompimento com a família em nome da pobreza e humildade cristãs, passando pela lendária questão dos estigmas e do trato com os animais, até celebrar-se como o inimitável fundador do franciscanismo e mentor das Ordens Mendicantes, que, no século XIII, mudariam o curso da espiritualidade no Ocidente medieval. Na Igrejas brasileiras, essas narrativas “relacionavam-se com o conteúdo dos sermões, com as leituras de textos hagiográficos

² Como não lembrar, aqui, a extraordinária sequência de poemas de João Cabral de Melo Neto (1920-1999) sobre os cemitérios – alagoano, paraibano, pernambucano -, vistos com ácida condenação devida ao seu fausto e opulência diante das carências do Sertão?

nos dias festivos e com as encenações da vida do santo nas procissões e festas”, afirma Aldilene César Diniz.

Para os estudantes ainda não familiarizados com o assunto “imagens”, sugiro começar pelo texto do italiano Gerardo de Simone, quando menos pelo percurso histórico-cronológico que realiza da Idade Média ao Renascimento (com datações bastante elásticas, num vai e vem de paralelos enriquecedores), sempre indispensável ao quesito das permanências e das mudanças – que, não custa lembrar, remontam à tradição greco-romana e avançam pela modernidade adentro. Tenha-se uma amostra de tal recurso investigativo:

Gregório Magno, papa entre 590 e 604, reelaborou a teoria, de origem pagã e destinada a grande fortuna, das imagens sacras como *litterae laicorum* – literatura dos leigos – em duas cartas endereçadas ao bispo iconoclasta Sereno de Marselha: os incultos, incapazes de alcançar diretamente as Sagradas Escrituras, podem ser instruídos por meio de uma “Bíblia visualizada”, uma história por imagens (desde que essas não sejam “adoradas”, privilégio reservado à divindade única, não aos seus simulacros). No entanto, o fim ilustrativo é somente o primeiro e mais elementar nível de significado: outros, e mais profundos, estratificam-se no vocabulário das formas, com ou sem o aporte da palavra; não diversamente de como, na hermenêutica bíblica, além do sentido literal, se ocultam os sentidos alegórico, tropológico (ou moral) e anagógico (ou espiritual) (p. 16).

E não passe sem detenção o artigo de Maria Berbara, que, além de muito bem documentado, aborda o notável grupo escultórico de Laocoonte, exumado em Roma em 1506, divergindo os pesquisadores sobre autoria (supostamente escultores ródios) e data exata (supostamente século I d.C.) de sua execução. Diz Berbara: a admirável escultura “representa o sacerdote troiano Laocoonte e seus dois filhos no momento em que são atacados por dois monstros marinhos enviados por Palas Atenas” (p. 94), como castigo, diz a mitologia, por ter se recusado a aceitar a oferta de paz dos gregos no famigerado episódio do Cavalo de Tróia. Tentando salvar os filhos sufocados, o pai morre pela boca das serpentes, sentado sobre um trono sacrificial onde ele próprio iria dedicar-se a um ritual de oferenda. No artigo, trata-se o grupo escultórico como perfeito porta-voz dos ideias contrarreformistas, conforme definidos no Concílio de Trento (1545-1564), severo em suas metas de combater os perigosos tentáculos da Reforma Protestante. Laocoonte,

então, - máxima expressão do sofrimento e da angústia! – parecia o modelo ideal para representar as dores de Cristo nos episódios de sua Paixão. Quanto mais “realista” fossem as descrições dos tormentos do Filho de Deus, mais eficaz a lição pedagógica. Curiosamente, o texto de Clara Habib de Salles Abreu apresenta um instigante contraponto a essa teoria, com tratar da “doutrina do *decoro* na pintura” – e, eu diria, não só nela, uma vez que a mesma doutrina configura um dos princípios mais caros à arte da poesia ocidental desde a antiguidade clássica, passando pelos teóricos medievais, conforme fora celebrenemente definido, dentre outros, por Horácio em sua *Arte Poética* ou *Epistula ad Pisones* (14 ou 13 a.C.). Com acerto, mostra Clara Habib que o *decoro* orienta “não só a fábrica das artes, mas também, de maneira geral, as ações humanas” (p. 72) – ou seja, uma espécie de código comportamental que estaria nos fundamentos, inclusive, do posterior “amor cortês”, de indiscutível longevidade. Como se pode depreender, falamos do “conveniente”, do “adequado”, do “decente”, já no âmbito da ética. Assim, o Laocoonte e a “convenevolezza” se contrapõem e se completam, em polissêmica sugestão especular³.

Por fim, porque é impossível tratar de tudo em tão exíguo espaço, três artigos situam-se no eixo da faceta algo cômica do imaginário popular, naquela linha tênue que o separa do erudito e que os teóricos preferiram dizer “cultura intermediária”⁴: Maria Beatriz de Mello e Souza, Cesar Augusto Tovar Silva e Patrícia Souza de Faria chamaram a atenção, respectivamente, para a singular participação da Virgem Maria, de Santo Antônio e de São Tomé nos destinos da Espanha, do Rio de Janeiro, em situações de emergência, e dos espaços geográficos da Índia. Nesses estimulantes artigos, os diálogos entre o Céu e a Terra, entre os santos e o povo ganham ares de absoluta familiaridade: são poderosos os argumentos do carmelita português Frei Timotheo de Ciabra e Pimentel, em *Octavario de desagravios de la Imagens de la Virgen en el fuego...* (1638), contra “hereges holandeses” que queimaram uma estátua da Virgem, mas que terminaram logrados, porque “Deus, Jesus Cristo e a própria Virgem Maria permitiram esse sacrilégio para o bem da Espanha” (p. 108). Santo Antônio, por outro lado, o severo combatente medieval

³ Consulte-se o requintado estudo de Aguinaldo José Gonçalves, *Laokoon Revisitado*. São Paulo, Edusp, 1994.

⁴ Por exemplo, Hilário Franco Júnior, “Meu, Teu, Nosso: reflexões sobre o conceito de Cultura Intermediária”, em *A Eva Barbada: Ensaio de Mitologia Medieval*. 2ª ed, São Paulo: Edusp, 2010.

de heresias, sobe ao pódio de “herói militar” (com condecoração e tudo) desde que os jesuítas, no governo de D. João IV em Portugal, apontaram-no “soldado da defesa do reino” durante a chamada União Ibérica – honraria que se alastrou pelos domínios coloniais ameaçados por invasores estrangeiros, como aconteceu na Bahia e no Rio de Janeiro. Quanto à Índia, localizar ali o túmulo de São Tomé era de fato uma “obrigação nacional”, uma vez que por ali andavam os portugueses, ávidos de se fazerem respeitados e aceitos por gente desconhecida, em meio às turbulentas negociações a que os levaram as aventuras dos Descobrimentos.

Resumindo: *Imagens Cristãs* merece, *deve* ser lido, por todas as razões apontadas e por mais algumas de que tive de abrir mão para não me estender além do permitido. Aos organizadores e autores, saibam que valeu a pena, na quase totalidade dos requisitos que recomendam um livro destinado a permanecer.